

ABIROCHAS

Associação
Brasileira da
Indústria de
Rochas
Ornamentais

Informe 01/2014



Balanco das Exportações e Importações Brasileiras de Rochas Ornamentais em 2013

Balanço das Exportações e Importações Brasileiras de Rochas Ornamentais em 2013¹

1 Exportações

No ano de 2013, as exportações brasileiras de rochas ornamentais e de revestimento totalizaram US\$ 1.302,11 milhões, correspondentes a um volume físico comercializado de 2.725.628,78 toneladas. As rochas processadas compuseram 76,9% do faturamento e 47% do volume físico dessas exportações, tendo-se as rochas brutas com respectivamente 23,1% e 53,0%.

Frente ao ano de 2012, registrou-se variação positiva de 22,8% no faturamento e de 21,8% no volume físico das exportações. Com essas taxas de incremento, as exportações de 2013 superaram o recorde histórico de 2007 (US\$ 1,1 bilhão), reafirmando a forte presença brasileira no mercado internacional e especialmente nos EUA e China.

Os incrementos mais expressivos em volume físico, mesmo sobre uma base ainda pouco elevada, foram aqueles das chapas de mármore (+133,0% pela posição 6802.91.00) e dos blocos de rochas quartzíticas (+64,4% pela posição 2506.20.00), que passaram assim a constituir itens também relevantes na pauta das exportações. Os incrementos de maior importância para os resultados alcançados foram das chapas de granitos e similares (+26,3% pela posição 6802.93.00) e dos blocos dessas rochas (+24,4% para posição 2516.12.00).

Contabilizando as posições fiscais utilizadas, bem como observando os materiais geológicos e produtos comerciais envolvidos, estima-se que foram exportadas cerca de 1,1 milhão t de chapas de granitos sensu lato, quartzitos em geral e pedra-sabão; 11.000 t de chapas de mármore; 105.000 t de produtos de ardósia, envolvendo telhas, lajotas e lajões (chapas); 40.000 t de produtos de quartzito foliado, envolvendo lajotas, cacos/cavacos, filetes e pavês; 1,4 milhão t de blocos de granitos sensu lato; 25.000 t de blocos de rochas quartzíticas maciças; e, 12.000 t de blocos de mármore.

Não é possível avaliar as exportações de produtos acabados de granitos, mármore e outras rochas extraídas em blocos, bem como de pedra-sabão, pela inespecificidade dos códigos fiscais existentes. As chapas em geral representaram pelo menos 70% do total do faturamento e 40% do total do volume físico das exportações, sendo assim caracterizadas como o melhor produto brasileiro no mercado internacional. Estima-se que essas exportações de chapas tenham atingido 21 milhões m² equivalentes, com 2 cm de espessura, em 2013, o que representa incremento de 27% frente a 2012.

¹ Este texto foi elaborado pelo geólogo Cid Chiodi Filho – Kistemann & Chiodi Assessoria e Projetos, para a ABIROCHAS – Associação Brasileira das Indústrias de Rochas Ornamentais, em 13 de janeiro de 2014, Belo Horizonte – MG. Os dados primários sobre exportações e importações foram obtidos a partir de consulta à Base ALICE do MDIC (www.aliceweb.desenvolvimento.gov.br).

A exemplo do que foi registrado em 2012, continuaram declinantes as exportações de ardósias e quartzitos foliados. As vendas de ardósias ficaram abaixo dos US\$ 50 milhões e representaram menos de 4% do total das exportações do setor. Para os produtos de quartzitos foliados foi registrada uma queda de 43,3% no faturamento e uma participação de apenas 1% nas exportações totais brasileiras.

Todas as exportações mensais de 2013, exceto de março, foram superiores às de 2012, ultrapassando em oito oportunidades a marca de US\$ 100 milhões. O maior valor exportado ocorreu no mês de abril, com US\$ 126,5 milhões.

Da mesma forma, apenas em março de 2013 o volume físico das exportações foi inferior ao do mesmo período de 2012. O maior volume exportado aconteceu no mês de agosto, com 300.200 t, quando se superou o limite presumido de nossa capacidade logística instalada (250-270 mil t/mês).

As exportações para os EUA somaram US\$ 770,73 milhões e representaram 59,3% do total do faturamento das exportações brasileiras, incluindo mais de 17 milhões m² equivalentes de chapas, com 2 cm de espessura. Para a China exportou-se US\$ 184,62 milhões, que representaram 14,12% do total das exportações. O volume físico das exportações brasileiras para a China (1.028.599,63 t) é, no entanto, superior ao dos EUA (941.221,45 t).

2 Importações

As importações brasileiras de materiais rochosos naturais para ornamentação e revestimento somaram US\$ 69,6 milhões e 109.210 t em 2013, marcando incremento de respectivamente 14,33% e 10,33% frente a 2012. Chapas e lajotas de rochas carbonáticas diversas (mármore, travertinos e calcários/limestones) compuseram mais de 70% do total dessas importações.

As importações de materiais rochosos artificiais somaram, por sua vez, US\$ 51,9 milhões e 52.200 t, com variação positiva de 9,2% em valor e negativa de 13,5% em peso. Esses quantitativos não incluem as importações efetuadas pela posição 6810.91.00, que parece também abranger placas de materiais rochosos artificiais de revestimento.

A participação do faturamento das exportações de rochas, no total das exportações brasileiras (US\$ 242.178,65 milhões) foi de 0,54% em 2013. O saldo da balança comercial do setor de rochas, considerando exportações de US\$ 1.302,11 milhões e importações de US\$ 69,64 milhões, em materiais rochosos naturais, foi de US\$ 1.232,47 milhões em 2013. A participação ou contribuição do saldo comercial de rochas no saldo das exportações totais brasileiras (US\$ 2.557,74 milhões) foi, portanto, de 48,2%.

Para cada US\$ 1,00, importado pelo Brasil em 2013, foram exportados apenas US\$ 1,01. No setor de rochas, para cada US\$ 1,00 importado, exportou-se US\$ 18,70.

O preço médio das exportações gerais brasileiras foi de US\$ 433,60/t, enquanto das importações foi de US\$ 1.501,60/t. O preço médio das exportações brasileiras de rochas foi de US\$ 477,70/t, enquanto o das importações foi de US\$ 637,70/t. Assim, o preço médio das importações gerais brasileiras foi 3,5 vezes superior ao das exportações, enquanto no setor de rochas o preço médio das importações foi apenas 1,3 vezes superior ao das exportações.

3 Estimativa de Produção e Consumo Interno

Considerando os dados referentes às exportações e importações, bem como alguns indicadores baseados no crescimento do PIB, no desempenho da construção civil e em informações de mineradores, serradores, marmoristas e entidades regionais do setor, estima-se que a produção brasileira de rochas ornamentais e de revestimento tenha atingido o patamar de 10,5 milhões t em 2013, com incremento de 13% frente a 2012. Do total da produção, cerca de 3,6 milhões t (34,3%) foram destinadas ao atendimento do mercado externo e 6,9 milhões t (65,7%) ao atendimento do mercado interno.

As rochas silicáticas, envolvendo granitos e materiais afins, representam quase 50% do total da produção brasileira, seguindo-se os mármore e travertinos, com cerca de 19%, além de quartzitos maciços e foliados, ardósias e outros. Mais de 60% dessa produção está concentrada na Região Sudeste, principalmente no Espírito Santo e Minas Gerais, seguindo-se a Região Nordeste com 25% e as demais regiões brasileiras com 10%.

Novamente analisando-se a produção, exportações e importações brasileiras de rochas, estima-se que o consumo interno aparente tenha totalizado 78 milhões m² equivalentes, em chapas com 2 cm de espessura. Desse total, estima-se que 2,4 milhões m² de materiais naturais e aglomerados tenham sido importados e que 35,1 milhões m² correspondam a granitos e rochas afins. O Estado de São Paulo responde por 45% do total do consumo interno brasileiro, atingindo-se 68% para a Região Sudeste.

O consumo per capita de rochas de revestimento no Brasil evoluiu de 15 kg em 2007 para pouco mais de 21 kg em 2012 e 2013. As ilustrações apresentadas ao final do texto mostram o desempenho geral do setor de rochas em 2013, com referências às suas exportações, importações, produção e consumo interno.

4 Destaques 2013

4.1 Economia Brasileira

A economia brasileira frustrou expectativas em 2013, com resultados inferiores aos projetados pelo Boletim Focus, do Banco central. Erraram assim os cerca de 100 analistas e instituições financeiras consultados em janeiro de 2013 pela autoridade monetária. As discrepâncias foram atribuídas a fatores externos e internos, neste caso relativos à falta de competitividade da indústria e à desconfiança do setor privado com a política econômica do governo.

Os dados de 2013 mostraram como mais realista um potencial de crescimento menor que os 3%-4% previstos nos últimos anos. Para os exportadores brasileiros fica a expectativa de trabalhar com US dólar a R\$ 2,45, ou até um pouco mais, em 2014.

BRASIL - INDICADORES E PREVISÕES 2013/2014			
Indicadores	Previsões 02.01.2013	Previsões 20.12.2013	Previsões Focus 2014
PIB	+3,3%	+2,3%	+2,0%
Produção Industrial	+3,5%	+1,6%	+2,2%
Câmbio	R\$ 2,08	R\$ 2,34	R\$ 2,45
Balança Comercial (Saldo)	US\$ 15,2 bilhões	US\$ 1,2 bilhão	US\$ 8,0 bilhões
SELIC	7,25% a.a.	10% a.a.	10,5% a.a.
IPCA	5,67%	5,72%	5,97%

Fonte: Jornal Valor – edição 30.12.2013 – Dados do Banco Central

A possível elevação da taxa SELIC e a provável redução do crédito para consumo de pessoas físicas, mesmo que não do crédito imobiliário, deverão diminuir o ímpeto da construção civil e do preço dos imóveis residenciais no mercado interno.

4.2 Produção Industrial Brasileira

Estudo da FIESP, concluído em novembro/2013, evidenciou queda da participação da indústria no PIB brasileiro, para 13,3% em 2012, patamar mais baixo desde 1955. Esta desindustrialização estaria abarcando a maior parte dos setores produtivos e todos os níveis de intensidade tecnológica, contrariando algumas opiniões correntes que aqueles de alta/média tecnologia não estariam sendo afetados.

São aventadas duas razões principais para essa desindustrialização relativa, iniciada em 1985: a primeira referente ao custo Brasil, que envolve carga tributária elevada e complexa, alto custo de capital devido aos juros básicos e spread, elevado custo de insumos e energia, além de infraestrutura logística precária; a segunda razão seria a sobrevalorização cambial (apesar da elevação de 15% do US dólar em 2013, o real ainda permanece sobrevalorizado).

Outro estudo recente da FIESP, citado no mesmo artigo do Jornal Valor de 25.11.2013, estimou que os produtos brasileiros estariam em média 34% mais caros, se levados em conta o câmbio e o custo Brasil, quando comparados a similares elaborados em países concorrentes. O mesmo estudo aponta que seria muito difícil, para as empresas, compensar essa diferença apenas com inovação e tecnologia.

4.3 Balança Comercial Brasileira

As exportações brasileiras somaram US\$ 242,1 bilhões em 2013, contra os US\$ 242,5 bilhões de 2012 e do recorde de US\$ 256 bilhões em 2011. As importações brasileiras de 2013 somaram US\$ 239,6 bilhões, atingindo o maior valor da série histórica iniciada em 1993. A balança comercial fechou assim com superávit de US\$ 2,56 bilhões, que foi 87%

inferior ao de 2012 e o pior resultado desde 2000. Esse desempenho foi muito influenciado pela conta do petróleo e derivados, que teve déficit de US\$ 20,2 bilhões, e pela queda do preço das commodities, como ferro e soja.

4.4 Variação de Preços das Exportações Brasileiras

Segundo estudos do IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, o preço médio dos produtos exportados pelo Brasil acumulou queda de 3,7% no período de janeiro-outubro de 2013, correspondente a 10,2% nos semimanufaturados, 3,4% nos manufaturados e 1,9% nos básicos. A desvalorização dos importados foi de apenas 1,4%, mostrando que os termos de troca da pauta brasileira caíram pelo segundo ano consecutivo.

No mesmo período também foi registrado recuo do preço médio dos principais produtos de exportação do setor de rochas ornamentais, mencionando-se -5,61% para blocos (posição 2516.12.00) e -0,38% para chapas (posição 6802.93.90). Anotou-se, contudo, um incremento de 0,35% no preço médio geral das exportações de rochas, ainda no período janeiro-outubro/2013.

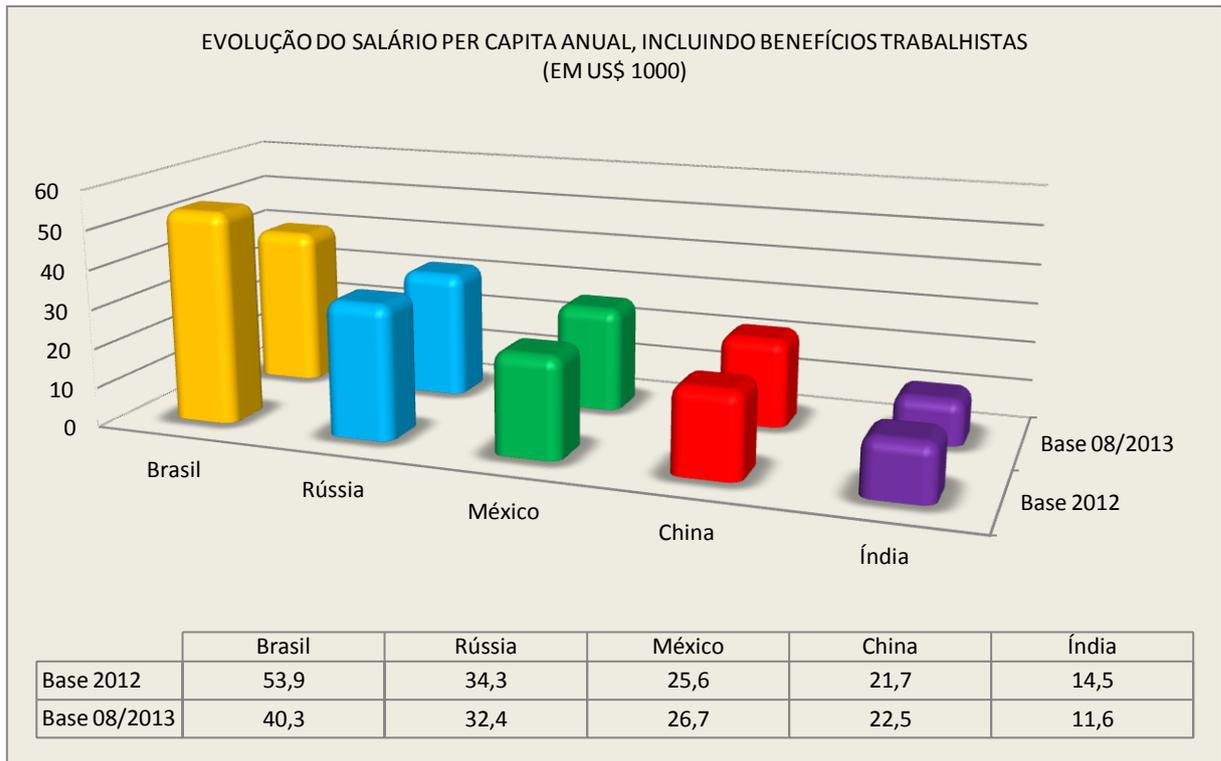
4.5 Pressão dos Salários nos Custos de Produção

Levantamentos da Abirochas evidenciaram expressiva desvalorização dos produtos comerciais do setor de rochas, frente aos custos salariais. No período de 2000 a 2013 o salário mínimo brasileiro sofreu reajuste de 349%, com IPCA acumulado de 91,1%. Nesse mesmo período foi muito inferior a variação do preço médio, também em reais, dos principais produtos exportados, mencionando-se incremento de apenas 39,4% para chapas de granito; de 97,1% para blocos; de 57,9% para ardósias; e, de 83,6% para quartzitos foliados.

No ano 2000, o preço médio de exportação de uma tonelada de chapas de granito equivalia a 8,8 salários mínimos (SM). Em 2013 essa equivalência reduziu-se para 2,8 SM, depois de atingir um pico de 9,6 SM em 2002 e um mínimo 2,6 SM em 2011. Ainda no período de 2000 a 2013, a equivalência dos produtos de ardósia recuou de 4,5 SM para 1,6 SM; dos produtos da pedra São Tomé de 2,8 SM para 1,2 SM; e, dos blocos de granito de 1,5 SM para 0,7 SM.

Considerando-se os benefícios trabalhistas, o custo salarial per capita brasileiro é, em US dólar, o maior de um conjunto de países que inclui Rússia, México, China e Índia. Os desdobramentos negativos desse quadro são mais visíveis nos produtos de menor valor agregado, representados no setor de rochas pelos materiais de processamento simples – incluindo ardósias e quartzitos foliados – onde se tornam cada vez menores as margens de lucratividade e a própria atratividade econômica dos empreendimentos mineiro-industriais.

No ano de 2013 as exportações brasileiras de produtos de ardósia e quartzitos foliados, essencialmente devidas a Minas Gerais, foram mais de 50% inferiores às de cinco anos atrás.



5 Fatos Noticiados pela Abirochas

▪ **Março de 2013 – Informe nº 04**

Neste informe da Abirochas apontou-se que a crise econômica europeia não dava sinais de arrefecimento, prevendo-se que as exportações para esse bloco seriam também dificultadas por um exagerado controle técnico dos produtos da construção civil, pela imposição da Marca CE.

Apontou-se ainda a continuidade da já dramática queda das exportações brasileiras de produtos de ardósia e quartzito foliado, devida tanto à crise europeia quanto ao encarecimento da produção brasileira.

Preveu-se que as exportações brasileiras seriam ainda mais concentradas na América do Norte e Ásia, o que de fato acabou acontecendo.

Recomendou-se o México como um dos bons alvos potenciais, visto que este país, a exemplo do Peru, Chile e Colômbia, estava promovendo significativas reformas e obtendo bons resultados em sua economia. Rússia e China também mereceram destaque como foco de promoção comercial.

Conforme observado durante a feira de Xiamen, realizada no início do mês de março, as rochas exóticas brasileiras estavam sendo escaneadas e reproduzidas, de forma muito acurada, por técnicas de impressão de jato de tinta em porcelanatos. Produtos dessa natureza foram observados em alguns estandes da própria feira de Xiamen e, posteriormente, na Coverings.

▪ **Abril de 2013 – Informe nº 05**

Neste informe, relativo ao balanço das exportações importações de rochas ornamentais do 1º trimestre, referiu-se que a situação ainda pouco confortável da economia mundial inauguraria um novo período de protecionismo comercial, como tentativa dos países resguardarem seus mercados via restrição das importações.

Comentou-se ainda que, segundo estudo da FIESP, o Brasil importou, em 2012, cerca de US\$ 4,4 bilhões em produtos manufaturados que não atendiam às normas e regulamentos técnicos brasileiros, até porque não há fiscalização sistemática de conformidade para a maior parte dessas importações. Restava saber se, para a ampla variedade de materiais rochosos artificiais/aglomerados importados, existiam normas gerais ou específicas de qualificação;

De acordo com estudos da FGV/SP o real ainda estava 20% sobrevalorizado, enquanto as moedas da China e EUA, que aplicam instrumentos de intervenção no câmbio, para garantir a competitividade de seus produtos no mercado internacional, estavam desvalorizadas. Já se podia assim estabelecer uma correlação entre o fraco desempenho do comércio exterior brasileiro, frente à Índia, Rússia e China, com o também fraco desempenho da economia do país, cujo PIB cresceu apenas 0,9% em 2012.

▪ **Mai de 2013 – Informe nº 10**

Comentou-se que as exportações de rochas haviam superado projeções e expectativas, prevendo-se taxas de incremento superiores a 10% ao final de 2013.

Pelo que se observou durante a Coverings, no mês de abril, valeria a pena investir na produção de chapas mais finas e no desenvolvimento de superfícies tratadas com produtos bactericidas e autolimpantes, sempre isentos de VOCs (*volatile organic compounds*/ compostos orgânicos voláteis).

▪ **Junho de 2013 – Informe nº 11**

Este informe destacou as expressivas taxas de crescimento das exportações de chapas (posições 6802.93.90, 6802.29.00 e 6802.23.00) e de blocos de quartzito (posição 2506.20.00), mencionando-se que as maiores quedas foram, novamente, registradas para produtos de ardósia e quartzito foliado. Destacou-se ainda que o volume físico das importações de materiais rochosos artificiais já era equivalente a quase 50% daquele dos materiais naturais.

▪ **Julho de 2013 – Informe nº 12**

No informe relativo ao 1º semestre do ano, grafou-se o seguinte: *“a valorização do US dólar e a recuperação da economia e do mercado imobiliário dos EUA constituem fenômenos inter-relacionados e concorrem para o bom momento vivido pelas empresas exportadoras. Existe, no entanto, uma forte preocupação com as nossas limitações de*

infraestrutura, sobretudo com operações portuárias, para atendimento da expansão da demanda externa.”

Anotou-se também que a partir de 1º de julho passava-se a exigir a marcação CE (CE Mark) para os produtos acabados da construção civil, comercializados nos países membros da União Europeia, destacando-se que a marca CE não abrangia produtos semiacabados como blocos e chapas. Os fornecedores desses blocos e chapas, ou seus clientes na Europa, deveriam no entanto fornecer o resultado dos denominados testes-tipo (*type tests – TT*), envolvendo densidade aparente, porosidade aberta, resistência à flexão (com três e/ou quatro apoios) e classificação petrográfica do material, de acordo com as normas EN1467 (para blocos) e EN1468 (para chapas). Os resultados desses testes integrariam a Declaração de Performance (*Declaration of Performance – DOP*), que substituiu a Declaração de Conformidade (*Declaracion of Conformity – DOC*) anteriormente exigida.

▪ **Agosto de 2013 – Informe nº 14**

Em agosto atingiu-se um recorde mensal histórico de exportações de rochas ornamentais, com US\$ 135,3 milhões e 300,2 mil t, o que superou o limite logístico até então admitido para a capacidade exportadora brasileira (em torno de 250-270 mil t/mês). Uma das sinalizações mais significativas sobre o setor de rochas referia-se ao esforço empresarial de modernização do parque de serragem de chapas de grande dimensão. Com a maciça incorporação de teares multifios diamantados, o Brasil tornou-se um dos mais competitivos polos mundiais de processamento de rochas abrasivas. O uso extensivo de fios diamantados no desmonte de blocos traduziu a mesma competitividade brasileira nas atividades de lavra.

▪ **Setembro de 2013 – Informe nº 15**

Os destaques comentados foram os seguintes:

- Os produtos de ardósia deverão compor menos de 4% e os de quartzito foliado apenas 1% do faturamento das exportações brasileiras de rochas ornamentais em 2013, o que constitui motivo de preocupação.
- Entre os diversos produtos exportados pelo Brasil, é notável o incremento registrado para as chapas de mármore. Sabe-se que esse incremento é em grande parte devido ao mercado dos EUA, onde aumentou a utilização de rochas carbonáticas em geral, mármore inclusive, para *counter tops*.
- O acordo bilateral de comércio agora celebrado entre a União Europeia e o Canadá, poderá afetar as nossas exportações para esse país. Outros acordos bilaterais, objetivados pela UE com países americanos, também poderão ser negativos para as exportações brasileiras de rochas ornamentais.
- Constitui motivo de preocupação a perspectiva da Itália novamente transformar-se em uma plataforma exportadora de chapas de granitos brasileiros, principalmente para o mercado norte-americano. Devemos lembrar que a Itália é hoje o segundo principal destino das exportações brasileiras de blocos (atrás da

China) e detém o segundo maior parque de serragem com teares multifios diamantados (atrás do Brasil).

- Somos atualmente um dos mais competitivos polos mundiais de processamento de chapas de grandes dimensões, devido à maciça incorporação de teares diamantados. Isto é muito importante, na medida em que a agregação tecnológica impõe-se como uma das únicas alternativas para melhoria de performance de segmentos de atividade ainda intensivos em mão de obra.

▪ **Outubro de 2013 – Informe nº 17**

As exportações efetuadas até o mês de outubro (US\$1,10 bilhão) superaram o total exportado em todo o ano de 2007 (US\$ 1,09 bilhão), quando o Brasil obteve o seu recorde de vendas de rochas para o mercado externo. Manteve-se a participação de rochas processadas no total do faturamento e do volume físico das exportações, com respectivamente 77,16% e 47,05%.

▪ **Novembro de 2013 – Informe nº 19**

No mês de novembro referiu-se que as importações brasileiras de materiais rochosos naturais haviam somado US\$ 62,4 milhões e 98,32 mil t, com incremento de respectivamente 11,52% e 8,18% frente ao período de janeiro-novembro de 2012. As importações de materiais rochosos artificiais totalizaram, por sua vez, US\$ 47,3 milhões e 47,7 mil t, com variação positiva de 8,1% em valor e negativa de 16,22% em peso. Os quantitativos para os materiais artificiais não incluíram as importações efetuadas pela posição 6810.91.00, que parece também abranger placas de produtos aglomerados para revestimentos.

6 Cenários 2014

6.1 Economia dos EUA, Europa e China

Existem sinais inequívocos que a economia dos EUA finalmente ganhou ímpeto, destacando-se uma taxa de crescimento 4,1% do PIB, no 3º trimestre de 2013, e uma taxa também forte no 4º trimestre, impulsionada pelo crescimento da produção industrial. Todos os indicadores antecedentes da atividade econômica são agora convergentes e favoráveis.

Mais importante é a consolidação da construção civil norte-americana, já normalizada após a crise do subprime em 2008/2009. Os gastos do setor foram, em novembro, os maiores dos últimos cinco anos, com valorização média de 13,5%, frente a novembro/2012, no preço médio dos imóveis das vinte principais regiões metropolitanas do país. A previsão para 2014 é que esse aumento de preços seja de 5% a 7%, coerente, portanto, ao bom momento do mercado.

No mesmo sentido, a indústria europeia teve em dezembro/2013 seu melhor desempenho em 2,5 anos, o que constituiu um sinal auspicioso de recuperação. A produção

reagiu na Itália e França, as terceira e quarta maiores economias do bloco. O crédito, por sua vez, continua em retração, o que não faz antever recuperação da construção civil ainda em 2014.

A China está se deparando com um problema de explosão de crédito que afeta os governos locais. Em três anos, segundo o Financial Times, o estoque de crédito cresceu 70% e atingiu US\$ 3 trilhões, dos quais 40% vencem até o fim de 2014. Nesta conta estão incluídos não só os empréstimos concedidos por bancos estatais às municipalidades dominadas pelo PC chinês, mas também os empréstimos do mercado bancário “sombra”, concedidos por instituições não financeiras.

Hoje, o endividamento de empresas e consumidores chineses atingiu 210% do PIB. Isto levou o governo central a permitir que os governos locais emitissem bônus para refinarciar os débitos e garantir o ritmo de crescimento do país em 2014.

Ainda em relação aos EUA, principal destino das exportações brasileiras de rochas ornamentais, o recente fortalecimento do PIB, da produção industrial e do setor da construção induz o impulso da criação de empregos em 2014, gerando um ciclo positivo para a economia do país. Não se espera que o mercado imobiliário sustente o ritmo de crescimento, à medida que o aumento do preço dos imóveis e das taxas de juro afastem alguns compradores. Essa perspectiva é positiva, pois pressupõe que consumidores não comprarão além de suas possibilidades e que instituições financeiras não concederão crédito além dos limites prudentes.

A propósito, as vendas de imóveis residenciais usados já foram afetadas, em novembro, pelas altas taxas de financiamento imobiliário, pelo já baixo nível dos estoques e pela continuidade da restrição do crédito, de certa forma condicionada à retirada dos incentivos governamentais à economia. A taxa anualizada de vendas de imóveis usados foi assim de 4,9 milhões de unidades em novembro, contra 5,12 milhões em outubro, o que representou a primeira baixa em 29 meses. Além de muito satisfatórios em relação às médias históricas, os números de novembro e as tendências apontadas fazem crer que o governo dos EUA de fato não permitirá a criação de uma nova bolha imobiliária e a repetição da crise de 2008.

6.2 Economia Brasileira

O quadro econômico brasileiro, segundo vários analistas, deverá ser difícil em 2014, com crescimento de no máximo 2%. Os reflexos não serão, contudo, negativos para o setor de rochas ornamentais. Simultaneamente à retração do financiamento ao consumo, o crédito imobiliário para pessoas físicas aumentou 26,9% em termos reais nos doze meses até novembro de 2013, fazendo com que o total desses empréstimos crescesse 10% no período.

O comércio exterior contribuirá positivamente para o crescimento da economia brasileira em 2014, pela primeira vez nos últimos cinco anos. As exportações líquidas deverão somar 1,6% à atividade econômica, o que levará o PIB ao referido crescimento de

2%. A desaceleração da demanda interna e das importações, combinada ao US dólar mais forte, projetam maior superávit da balança comercial, com saldo previsto de até US\$ 20 bilhões. O setor de rochas será particularmente beneficiado, tanto pelos fatores acima referidos, quanto pela favorabilidade do mercado imobiliário dos EUA.

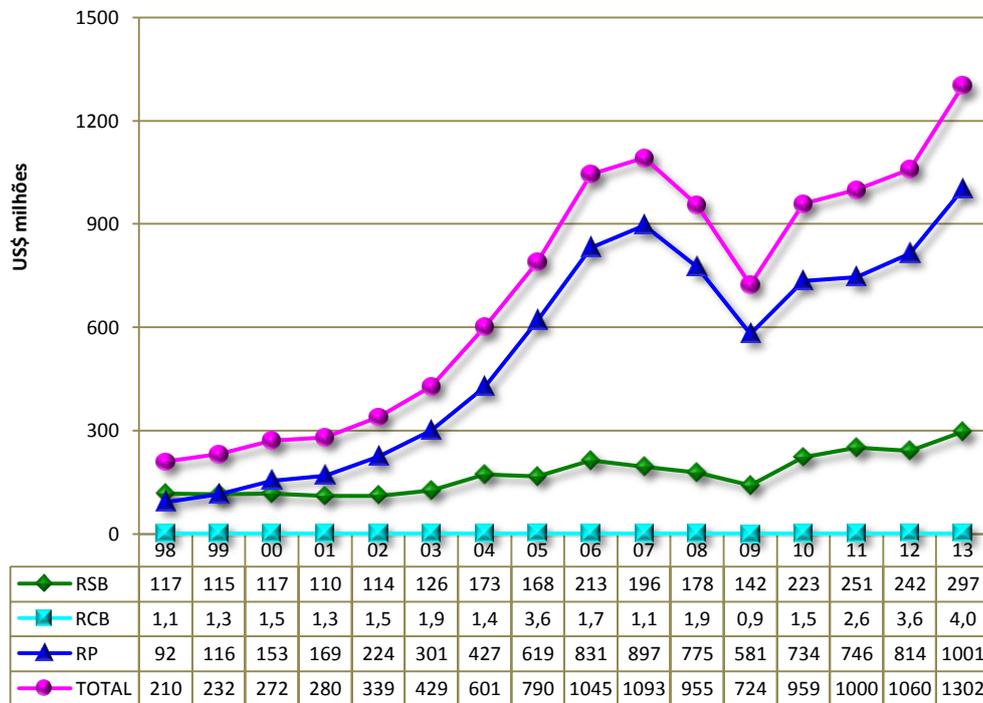
Assim, mesmo com elevação dos juros e com crédito ao consumo escasso, a preferência pelo crédito imobiliário ainda deverá incrementar a demanda interna das rochas de revestimento em 2014. Frente ao mercado externo, mesmo que a taxa de câmbio não compense a desvalorização das commodities agrícolas e minerais, o que levaria a um crescimento pouco significativo das exportações gerais brasileiras, espera-se uma expansão robusta das vendas de rochas ornamentais, sustentada pelas condições favoráveis dos EUA e China.

Em base desse cenário, aventa-se um incremento de 10% para o consumo de rochas ornamentais no mercado interno, além de um incremento de 20% no valor de suas exportações, repetindo-se, em ambas as frentes, a excepcional performance de 2013. O custo Brasil seguirá como principal gargalo competitivo do setor de rochas ornamentais, tanto no mercado interno quanto, sobretudo, no mercado externo. As rochas de processamento simples já estão sendo visivelmente afetadas pelo custo Brasil, com expressiva queda na produção e exportações.

A pressão dos salários e seus encargos é um dos principais fatores do aumento dos custos de produção, inviabilizando, de forma mais aguda, justamente os segmentos de baixo custo e mais intensivos em mão de obra. O problema brasileiro é semelhante ao agora enfrentado pela China², onde os fabricantes de “baixo custo” estão se transferindo para países do Sudeste Asiático, como Bangladesh, Vietnã e Camboja, também menos rígidos nas leis ambientais.

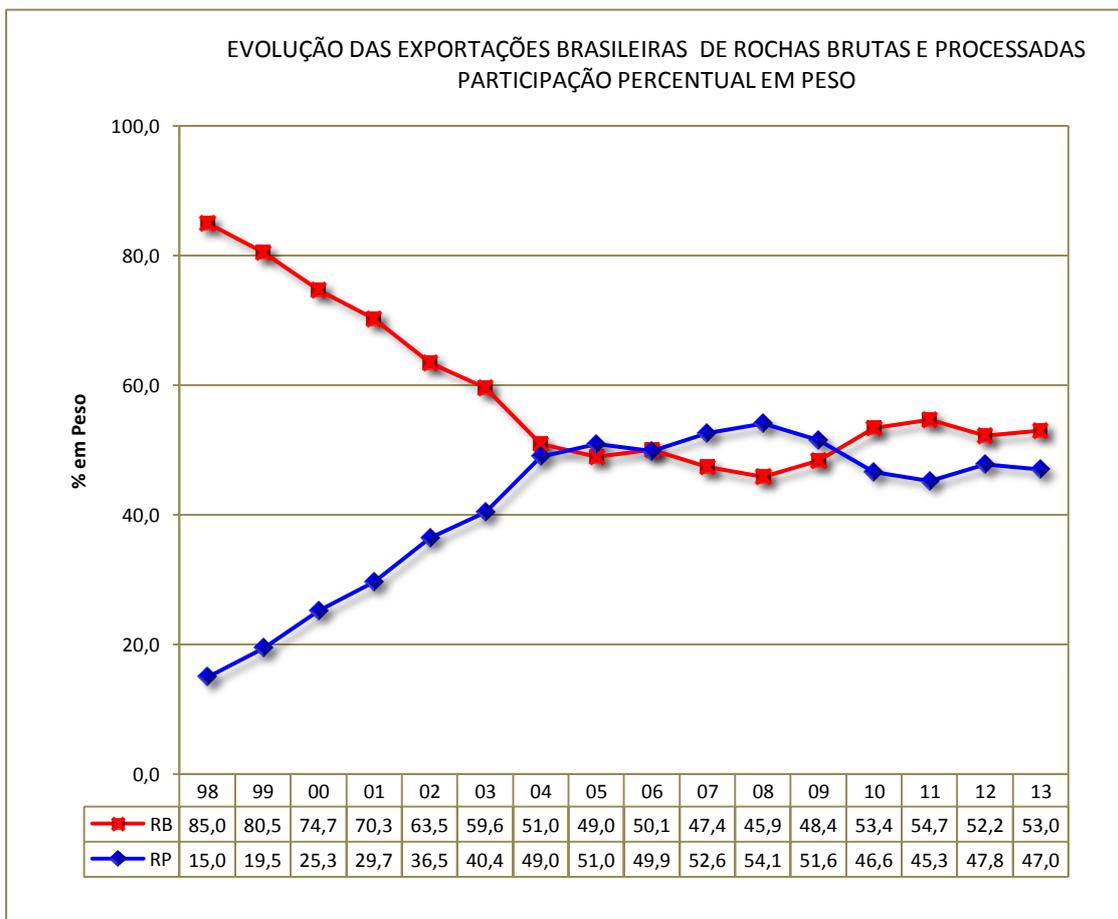
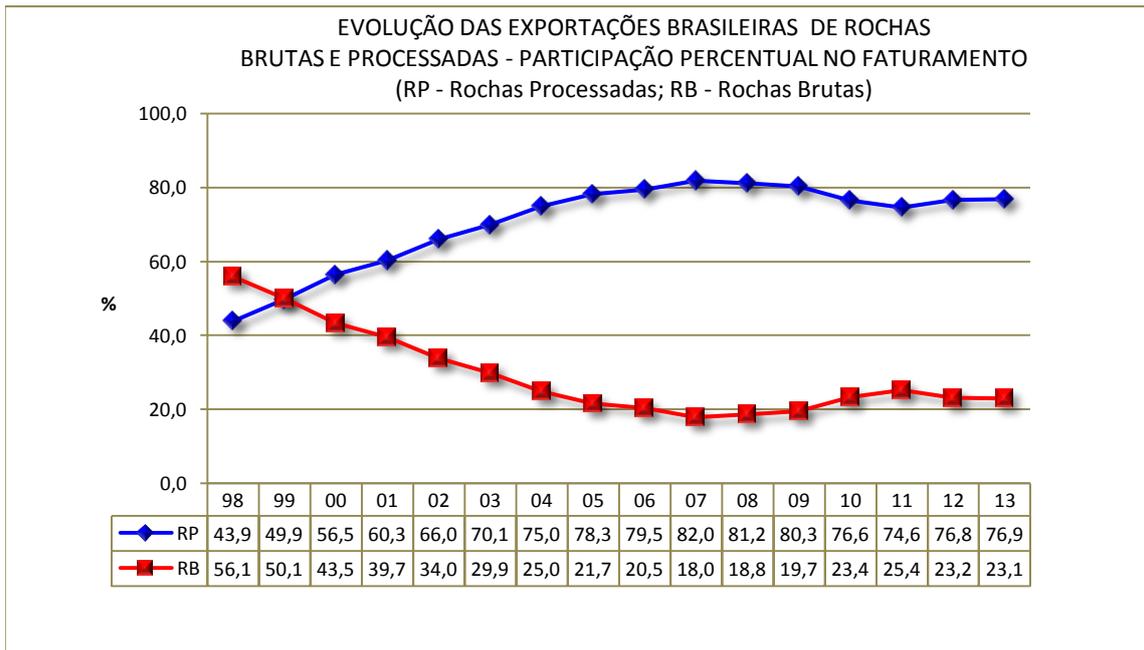
² Depois de uma alta estimada em 10% em 2013, admite-se que os salários chineses poderão ter elevação de 10% a 15% em 2014.

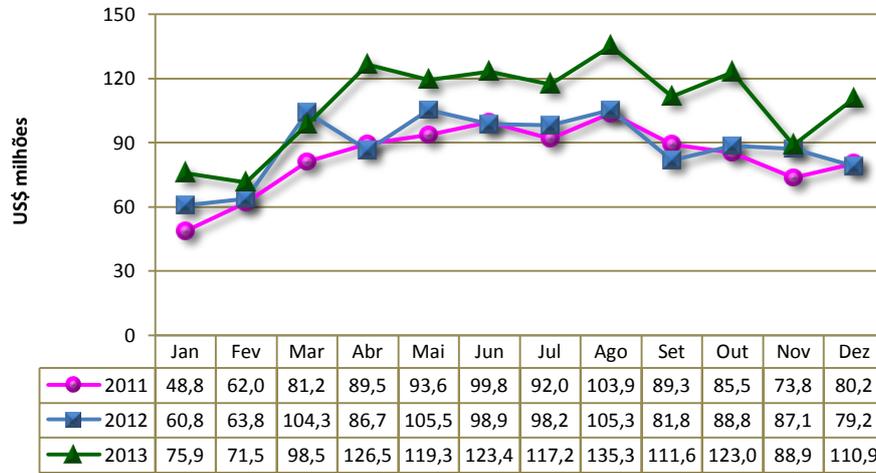
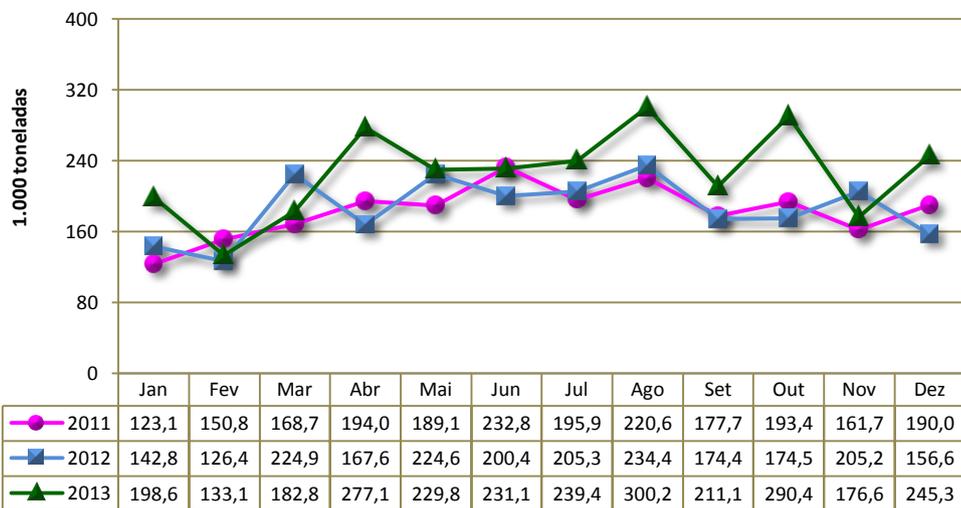
**EVOLUÇÃO ANUAL DO FATURAMENTO DAS EXPORTAÇÕES
 BRASILEIRAS DE ROCHAS ORNAMENTAIS**
 (RSB - Blocos de Granito; RCB - Blocos de Mármore; RP - Rochas Processadas)

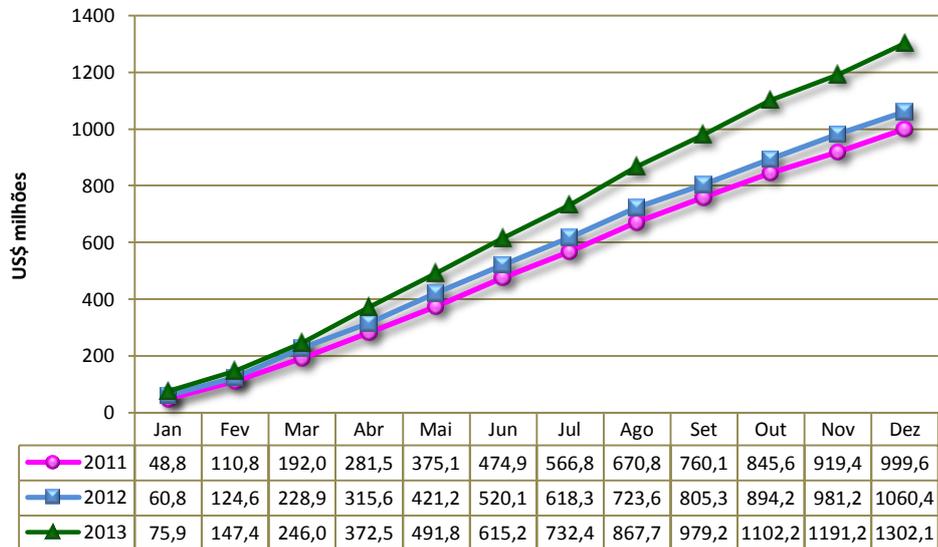
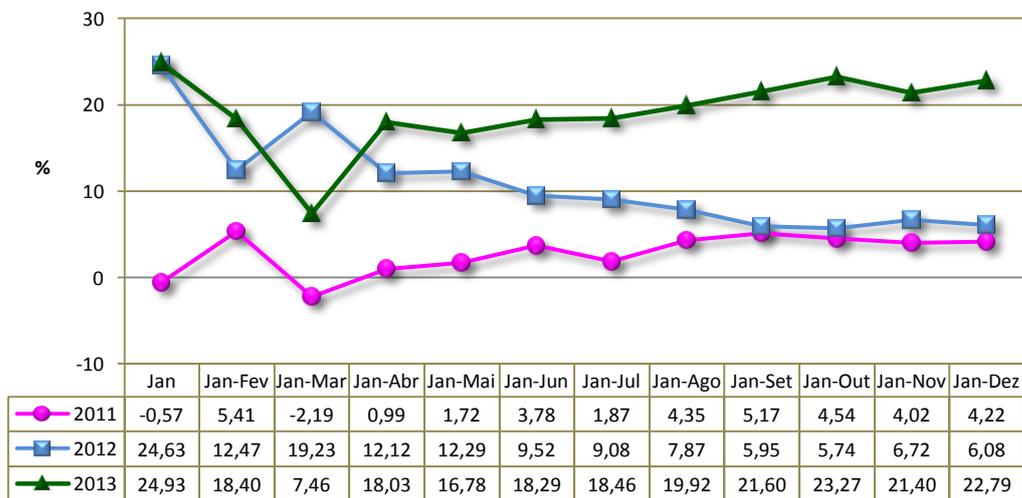


**EVOLUÇÃO ANUAL DO VOLUME FÍSICO DAS EXPORTAÇÕES
 BRASILEIRAS DE ROCHAS ORNAMENTAIS**
 (RP - Rochas Processadas; RB - Rochas Brutas)

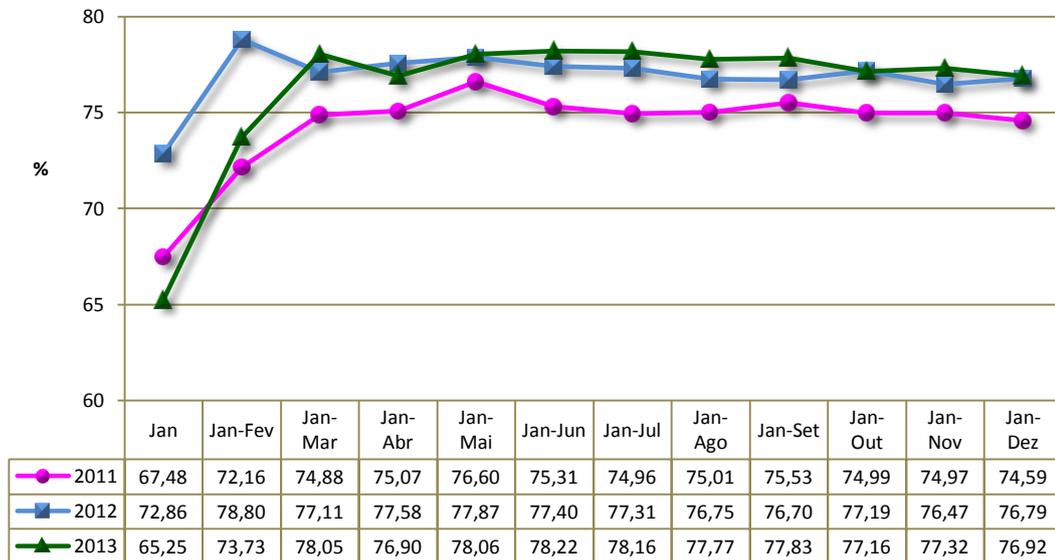




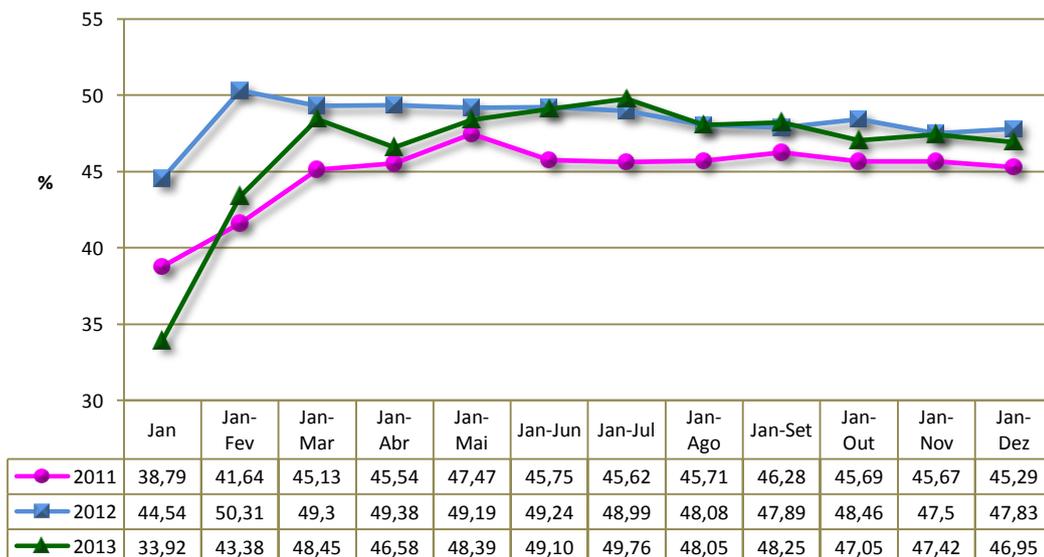
**EXPORTAÇÕES MENSAIS DO SETOR DE ROCHAS ORNAMENTAIS
 2011-2013**

**EXPORTAÇÕES MENSAIS DO SETOR DE ROCHAS ORNAMENTAIS
 2011 - 2013**


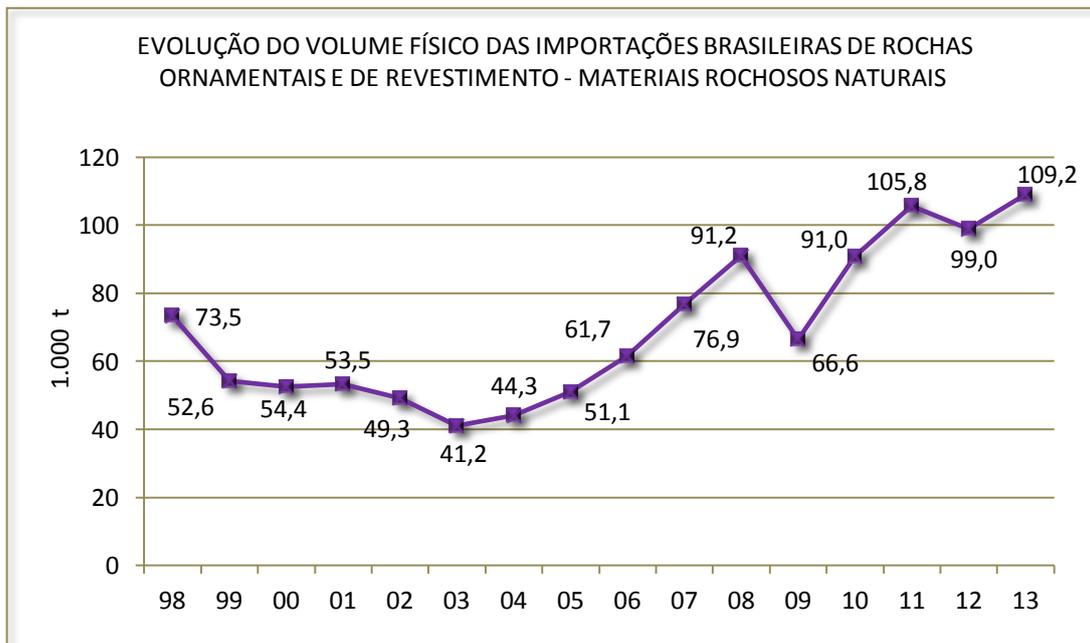
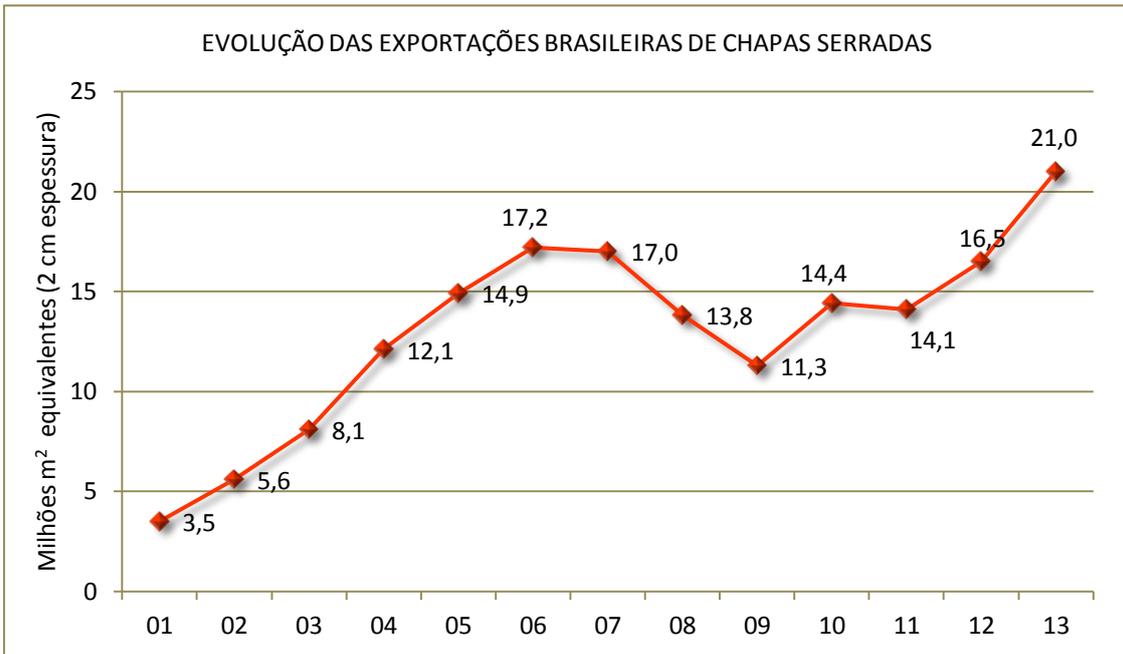
**EXPORTAÇÕES ACUMULADAS DO SETOR DE ROCHAS
 2011-2013**

**VARIAÇÃO COMPARADA DA TAXA DE CRESCIMENTO DO VALOR DAS EXPORTAÇÕES
 BRASILEIRAS DE ROCHAS ORNAMENTAIS - 2011-2013**


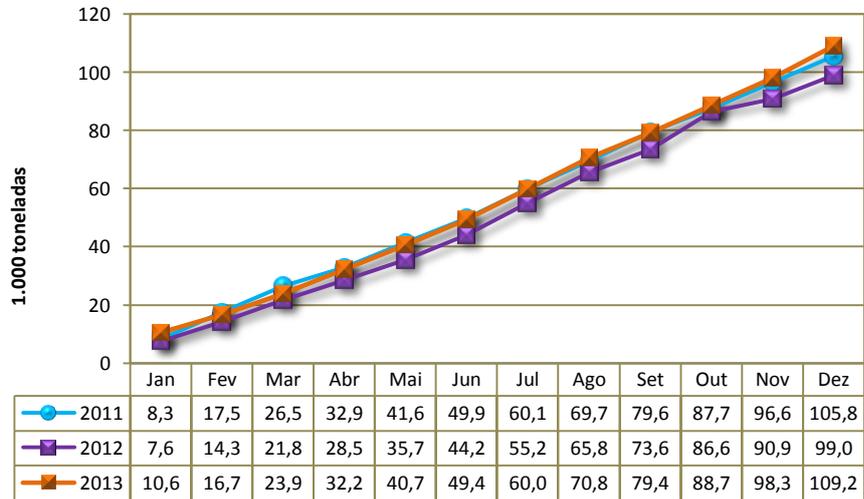
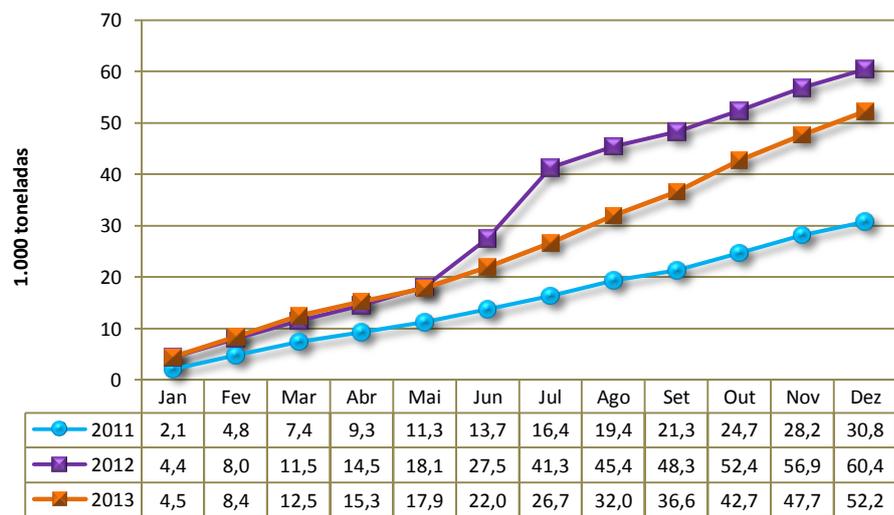
EVOLUÇÃO DA TAXA DE PARTICIPAÇÃO DE ROCHAS PROCESSADAS NO FATURAMENTO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE ROCHAS ORNAMENTAIS

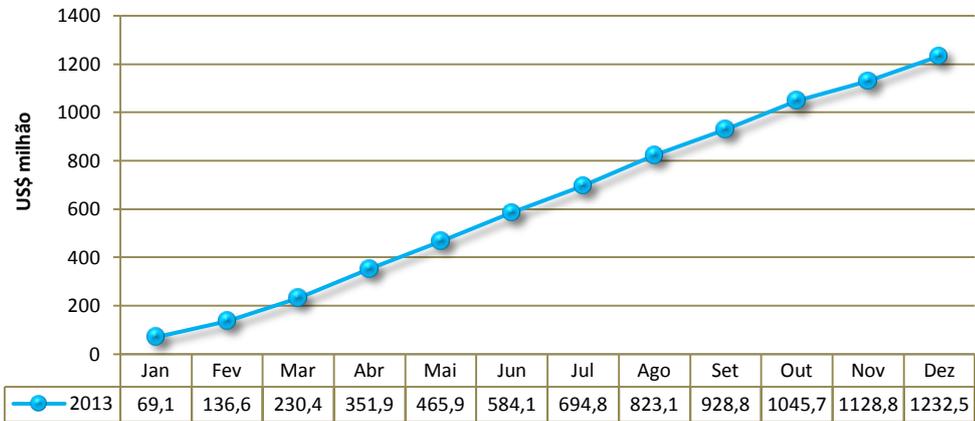
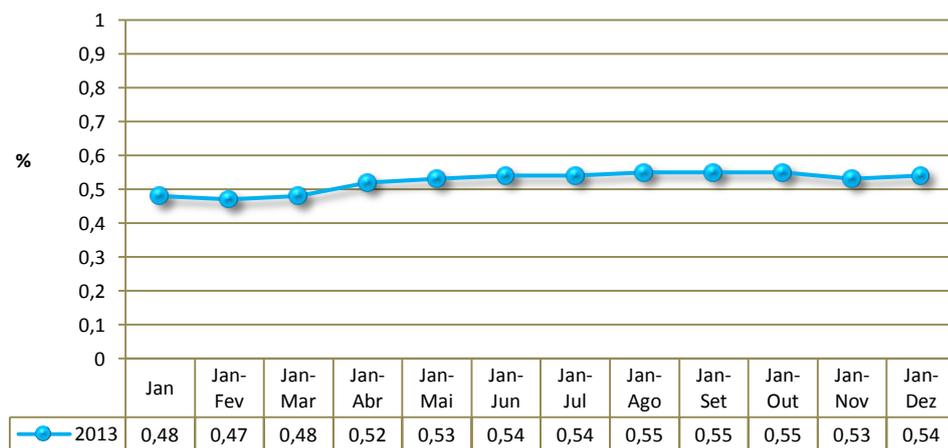


EVOLUÇÃO DA TAXA DE PARTICIPAÇÃO DE ROCHAS PROCESSADAS NO VOLUME FÍSICO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE ROCHAS ORNAMENTAIS





IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS ACUMULADAS DE MATERIAIS ROCHOSOS NATURAIS - 2011-2013

IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS ACUMULADAS DE MATERIAIS ROCHOSOS ARTIFICIAIS (AGLOMERADOS) - 2011-2013


**SALDO ACUMULADO DA BALANÇA COMERCIAL DO SETOR DE ROCHAS
 ORNAMENTAIS EM 2013**

**EVOLUÇÃO DA PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL DO FATURAMENTO DAS EXPORTAÇÕES
 DE ROCHAS NO TOTAL DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS EM 2013**


PARTICIPAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DE ROCHAS ORNAMENTAIS NO TOTAL DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS			
Ano	Exportações		
	Total Brasil (A) US\$ milhões	Setor de Rochas(B) US\$ milhões	Participação % B/A
2002	60.361,78	338,80	0,56
2003	73.084,14	429,38	0,59
2004	96.475,22	600,96	0,62
2005	118.308,27	789,97	0,67
2006	137.469,70	1.045,13	0,76
2007	160.649,07	1.093,50	0,68
2008	197.942,44	954,54	0,48
2009	152.994,74	724,12	0,47
2010	201.915,29	959,2	0,48
2011	256.039,58	997,7	0,39
2012	242.579,78	1.060,4	0,44
2013	242.178,65	1.302,1	0,54

PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL DO SUPERÁVIT DAS EXPORTAÇÕES DO SETOR DE ROCHAS ORNAMENTAIS NO SUPERÁVIT DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS			
Ano	Exportações		
	Superávit Brasil (A) US\$ milhões	Superávit Setor de Rochas (B) US\$ milhões	Participação Percentual B/A
2002	13.125,03	319,4	2,43
2003	24.793,10	410,4	1,66
2004	33.640,54	580,9	1,73
2005	44.756,85	768,5	1,72
2006	46.087,65	1.015,8	2,20
2007	40.039,07	1.051,0	2,62
2008	24.745,81	902,93	3,65
2009	25.347,41	688,50	2,72
2010	20.266,61	907,75	4,48
2011	29.797,16	931,76	3,13
2012	19.430,65	999,50	5,14
2013	2.557,74	1.232,47	48,2

VARIAÇÃO ANUAL DO TOTAL DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS E DAS EXPORTAÇÕES DE ROCHAS				
Ano	Exportações			
	Total Brasil US\$ milhões	Variação %	Setor de Rochas US\$ milhões	Variação %
2002	60.361,78	+3,67	338,80	+20,93
2003	73.084,14	+21,18	429,38	+26,97
2004	96.475,22	+32,00	600,96	+39,97
2005	118.308,27	+22,63	789,97	+31,45
2006	137.469,70	+16,20	1.045,13	+32,30
2007	160.649,07	+16,86	1.093,50	+4,62
2008	197.942,44	+23,20	954,54	-13,17
2009	152.994,74	-22,71	724,12	-24,15
2010	201.915,29	+31,98	959,19	+32,47
2011	256.039,58	+26,81	999,65	+4,22
2012	242.579,78	-5,26	1.060,42	+6,08
2013	242.178,65	-0,17	1.302,11	+22,79

EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO BRASILEIRA DE ROCHAS VOLTADA PARA OS MERCADOS INTERNO E EXTERNO – 2003-2013			
Período	Produção (t) Mercado Externo	Produção (t) Mercado Interno	Produção Total (t)
2004	2.324.783,4	4.132.948,3	6.457.731,7
	36,0%	64,0%	100%
2005	2.719.996,6 (+17%)	4.174.277,8 (+1%)	6.894.274,4 (+6,8%)
	39,5%	60,5%	100%
2006	3.263.995,9 (+20%)	4.257.763,4 (+2%)	7.521.759,3 (+9,1%)
	43,4%	56,6%	100%
2007	3.373.422,2 (+3%)	4.598.384,5 (+8%)	7.971.806,7 (+6,0%)
	42,3%	57,7%	100%
2008	2.700.000 (-20%)	5.100.000 (+11%)	7.800.000 (-2,2%)
	34,6%	65,4%	100%
2009	2.240.000 (-17%)	5.360.000 (+5%)	7.600.000 (-2,6%)
	29,5%	70,5%	100%
2010	3.000.000 (+34%)	5.900.000 (+10%)	8.900.000 (+17,1%)
	33,7%	66,3%	100%
2011	2.900.000 (-3%)	6.100.000 (+3,2%)	9.000.000 (+1,1%)
	32,2%	67,8%	100%
2012	3.000.000 (+3,4%)	6.300.000 (+3,3%)	9.300.000 (+3,3%)
	32,3%	67,7%	100%
2013	3.600.000 (+20,0%)	6.900.000 (+10,0%)	10.500.000 (+13,0%)
	34,3%	65,7%	100%

PERFIL DA PRODUÇÃO BRASILEIRA POR TIPO DE ROCHA – 2013		
Tipo de Rocha	Produção (Milhão t)	Participação Percentual
Granito e similares	5,2	49,5
Mármore e Travertino	2,0	19,0
Ardósia	0,6	5,7
Quartzito Foliado	0,5	4,8
Quartzito Maciço	0,8	7,6
Pedra Miracema	0,2	2,0
Outros (Basalto, Pedra Cariri, Pedra-Sabão, Pedra Morisca, etc.)	1,2	11,4
Total Estimado	10,5	100

DISTRIBUIÇÃO REGIONAL DA PRODUÇÃO BRUTA DE ROCHAS ORNAMENTAIS NO BRASIL - 2013		
Região	Produção (Milhão t)	Participação Percentual
Sudeste	6,8	64,5
Nordeste	2,7	24,7
Sul	0,4	4,3
Centro-Oeste	0,4	4,3
Norte	0,2	2,2
Total Estimado	10,5	100,0

BRASIL: REPARTIÇÃO DA PRODUÇÃO, INTERCÂMBIO E CONSUMO INTERNO DE ROCHAS ORNAMENTAIS – 2009-2013 (valores em 1.000 t)					
Parâmetros	2009	2010	2011	2012	2013
Produção de Rochas Brutas	7.600	8.900	9.000	9.300	10.500
Importação de Rochas Brutas	15,53	23,0	25,3	26,8	28,2
Disponibilidade de Rochas Brutas	7.615,53	8.923,0	9.025,3	9.326,8	10.528,2
Exportação de Rochas Brutas	809,6	1.196,9	1.197,6	1.157,4	1.445,8
Rochas Brutas para Processamento	6.805,93	7.703,1	7.827,7	8.169,4	9.082,4
Rejeito de Processamento (41%)	2.790,43	3.158,0	3.209,4	3.349,5	3.723,8
Produção de Rochas Processadas	4.015,5	4.544,8	4.618,3	4.819,9	5.358,6
Importação de Rochas Processadas*	51,08	67,9	111,2	133,0	133,3
Disponibilidade de Rochas Processadas	4.066,58	4.612,7	4.729,5	4.952,9	5.491,9
Exportação de Rochas Processadas	863,03	1.042,8	991,3	1.070,0	1.279,8
Consumo Interno	3.203,55	3.569,9	3.738,2	3.882,9	4.212,1
Consumo em m ² equivalente x 1.000.000**	59,33	66,11	69,23	71,89	78,00
Consumo per capita (m ² x 2 cm espessura)***	0,31	0,35	0,36	0,39	0,39
Consumo per capita (kg)***	16,86	18,69	19,44	21,06	21,06
(*) inclui chapas aglomeradas, de 2011 a 2013; (**) 54 kg/m ² ; (***) 200 milhões habitantes em 2013.					

CONSUMO INTERNO APARENTE DE ROCHAS ORNAMENTAIS E DE REVESTIMENTO NO BRASIL - 2013		
Tipo de Rocha	Consumo (milhão m ² equivalentes)*	Participação %
Granito	35,1	45
Mármore e Travertino	16,5	25
Quartzitos Maciço e Foliado	9,4	11
Ardósia	3,8	6
Outros	7,8	10
Mármore importados	1,6	2
Aglomerados importados	0,8	1
Total Estimado	78,0	100

(*) Chapas com 2 cm de espessura equivalente.

DISTRIBUIÇÃO DO CONSUMO INTERNO APARENTE DE ROCHAS ORNAMENTAIS NO BRASIL, POR ESTADOS E REGIÕES – 2013		
Estado / Região	Consumo (milhão m ² equivalentes)*	Participação
São Paulo	35,1	45
Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais	17,9	23
Região Sul	11,0	14
Regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste	14,0	18
Total Estimado	78,0	100

(*) Chapas com 2 cm de espessura equivalente.